

ENTRE FICÇÃO E REALIDADE, BALZAC BIOGRAFADO POR STEFAN ZWEIG

Carlos Eduardo do Prado (UFF/UERJ)¹

Resumo: O presente trabalho analisará a biografia escrita sobre Balzac por Stefan Zweig, tendo como problemática principal a relação entre biografia e biografado e sua conexão com a vida retratada, bem como o espaço ficcional e seus conflitos existenciais. A biografia nesta comunicação não será vista como simples reflexo, mas como o vazio a ser preenchido pela pena do autor. Percorreremos o caminho adotado pelo biógrafo na construção do seu personagem e identificaremos os reflexos e as impressões originadas neste envolvente jogo de espelhos, bem como suas contribuições para a construção desta narrativa biográfica.


Palavras-chave: Honoré de Balzac; Stefan Zweig; Narrativa biográfica; Literatura comparada

*“A biografia tem valor psicológico fundamental como via de acesso à personalidade de outro homem, dando espaço de poucas páginas o vário curso de uma vida em que a nossa se projeta, como aspiração ou nostalgia”
(CANDIDO, 1999)*

Contar a vida de alguém sempre foi uma prática presente na história dos homens. Ao relatar a existência de um ser humano desde o seu nascimento até a sua morte, o indivíduo que foi alvo do relato, sai da condição ser humano e passa para outro plano, que através da criação artística, vai condená-lo a um eterno vagar, percorrendo, muitas vezes, caminhos completamente diferentes daqueles que o biografado em vida percorreu, visitando lugares antes nem sonhados, bem como ser revisitado por várias gerações, em diferentes épocas.

Nas civilizações mais antigas, encontramos textos que podem ser considerados biográficos, como as genealogias reais, epopeias ou inscrições funerárias. Estas primeiras “vidas” relatadas são vistas desde a Grécia, onde a noção do indivíduo aparece na Idade Clássica, aproximadamente no século IV A.C. A partir deste momento, o gênero biográfico pode se distinguir em três grandes períodos, cada um correspondendo a um sistema de pensamentos e de valores de uma época, lembrando que os mesmos podem estar presentes após o período teoricamente delimitado.

¹ Graduado em Letras Português-Francês (UFF), Mestre em Literaturas Francófonas (UFF), Doutorando em Literatura Comparada (UFF). Professor assistente de língua francesa, do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP-UERJ. Contato: cadupradofr@gmail.com




Em primeiro lugar, temos o modelo clássico presente da Antiguidade até o século XVIII. Ele é definido por normas formais, estruturais e bem pouco atraentes. Em sua maioria, na Antiguidade, estas biografias são grandes apanhados de informações de homens que se destacaram na sociedade, seja através da guerra, da política ou da filosofia.

Segundo COSTA LIMA (2007), ainda na Alta Idade Média, as experiências tinham apenas uma explicação, aquela proveniente da Igreja, que se mostrava extremamente rígida e não favorável a nenhuma mudança. Será a partir do século XII, mas principalmente nos séculos XIV e XV, que, à medida em que os homens vão deixando de crer na verdade inscrita pelo poder divino, se abre a possibilidade de admitir vários sentidos. Neste momento, ao sujeito individual será atribuída a função de compreender e explicar o fenômeno, tendo a razão como orientadora.

Na idade Média, será biografada a vida dos santos ou das pessoas que tiveram um destino moralmente virtuoso e que, por isso, poderiam servir de exemplo. Este tipo de biografia é mais conhecido como hagiografia. Até este momento, a “literatura” possui papéis fixos e está comprometida a uma tradição impessoalizada, não correspondendo ao eu da pessoa que escreve.

Mesmo tentando manter a tradição de uma justiça divina, o crescente papel do indivíduo e a atenção dispensada ao subjetivo individual, vão influenciar diretamente as manifestações literárias que sucedem este período. Um eu autobiográfico aparece nas narrativas ao longo do século XV, como tentativa de criar sentido assumido pelas ações na obra literária. Neste momento, aquilo que é “contado” só é verdade pois o “eu” o diz. Explicações que transcendem o plano espiritual, não são mais suficientes para declarar algo como verdadeiro. Será no Renascimento que a vida de artistas e de alguns escritores começa a ser registrada no papel. Neste caso, o modelo adotado para o registro da trajetória de cada um destes heróis será um modelo extremamente organizado, de maneira a elevar o escolhido a um patamar de exemplo político, religioso, moral e até mesmo de incitar uma reflexão mais geral sobre o sujeito.

A flexibilização da forma de encarar o verdadeiro, bem como o rompimento do aspecto sagrado ligado aos antigos manuscritos e a reprodução tipográfica que rompeu com o sagrado imposto à cultura manuscrita, são fatores que permitirão uma maior permeabilidade da literatura no âmbito privado dos homens. É através desta nova forma de escrita que será estabelecido um novo conjunto de valores.



A subjetividade já não será apenas algo que complementar­á o sentido, mas poderá também ser empregada como desserviço da verdade. A razão aqui não mais é *una*, apesar de ter sua importância central na questão. Esta subjetividade permitirá que os outros contem os fatos à sua maneira ou à maneira dos costumes do tempo em que vive. Com a verdade relativizada e um *eu* pretensamente enganador, a razão torna-se incerta.


Será no final do século XVIII, e na quase totalidade do XIX, que encontraremos um modelo biográfico mais realista, também considerado romântico. Este modelo está mais próximo do eu individual, levando em consideração a introspecção deste indivíduo com o seu contexto social e também seus dilemas psicológicos. Os textos serão mais longos e mais embasados em documentos, porém, o lirismo não será deixado de lado. Sucesso de seu tempo, o gênero biográfico vai penetrar mais intimamente na vida dos seus biografados, tendo em vista a tentativa de esclarecer os segredos destes durante o processo de criação. Ainda assim, mesmo que ela possua um embasamento científico, a biografia não consegue se desvencilhar da mistificação do sujeito biografado.

Com a chegada do século XX, o chamado modelo moderno vai elaborar novas normas de objetividade: a notoriedade de uma pessoa por si só não interessa mais. Desta forma, mesmo a vida mais comum poderá fornecer ao escritor um leque de oportunidades para que uma biografia possa ser construída.

Para isso, o mergulho na profundidade do inconsciente, explorado pela psicologia e pela psicanálise, bem como o contexto histórico e sociológico, serão ingredientes fundamentais para a construção de um relato biográfico pautado na unidade do indivíduo, como um ser único e especial. De um lado tem-se a objetividade da documentação que comprova a existência daquele indivíduo, de outro, a relação entre a biografia e o personagem abrirá espaço para a subjetividade.

Resumidamente, pode-se afirmar que o movimento de transformação do modelo “relato de vida”, tão característico da época antiga e clássica, e sua posterior transformação em biografia moderna, tal qual conhecemos hoje em dia, está baseado em três momentos relacionados ao sujeito biografado: individualização, dessacralização e interiorização do mesmo.

A problematização do gênero biográfico – que esteve inicialmente atrelado ao domínio da História – vai com o passar do tempo se firmando como gênero literário.



Diante dos dados objetivos e das provas documentais, como deve se comportar o biógrafo frente a tarefa de relatar uma vida? Quais são os limites entre o real e o imaginário, história e ficção? A biografia deve ser encarada como um episódio individual, que está localizado dentro da história da sociedade, não podendo desta se dissociar, visto que uma necessita da outra para juntas atingirem sua plenitude de sentido.


A literatura e a história devem fazer parte de uma narrativa biográfica, segundo CANDIDO (1999, p.63), é muito arriscado “reduzir a situação histórica a acessório, não lhe dando a devida importância na configuração dos fatos que tocam na vida do biografado.”

No que tange os biógrafos, podemos os distinguir em dois tipos: um com vocação histórica e outro com vocação literária, ambos trabalhando em pólos perigosos. Enquanto o primeiro fatalmente dissolverá o indivíduo biografado no contexto histórico-social, colocando em evidência aquilo que deveria funcionar como secundário, o segundo, sem sombra de dúvida, recriará seu personagem afim de torná-lo o mais humano possível.

Porém, para CANDIDO (ibidem, p.64), o ideal seria a construção de uma biografia que funcionasse como instrumento de conhecimento de interpretação, servindo tanto para o estudo da pessoa biografada como da sociedade em que viveu. Desta forma, estabelecendo o equilíbrio ideal entre os dois polos acima mencionados, teríamos aquilo que poderia ser chamado de um modelo ideal de biografia.

Ainda segundo o autor, para dar vida ao personagem, o romancista utiliza-se de recursos de caracterização para descrever e definir o personagem com o intuito de que ele possa ser considerado vivo pelo leitor. Logo, em virtude da utilização destes recursos, o leitor tem a impressão de estar à frente de um ser ilimitado, contraditório e infinito na sua riqueza, ou seja, de um ser mais lógico, não menos simples do que o ser vivo.

Candido ainda coloca que, metodologicamente, a biografia é um instrumento perigoso, pois o biógrafo em seu caminho encontrará uma série de obstáculos que poderão influenciar seu trabalho, como por exemplo, o “estabelecimento de um nexos casual direto entre o personagem e os acontecimentos, que parecem decorrer da sua vontade ou da sua influência”, ou ainda “a relação pessoal que se estabelece entre biógrafo e biografado, em toda biografia realmente vivida”. Sendo a biografia um local onde trava-se de modo insensível um diálogo entre esses dois indivíduos, pode-se trazer para esta escrita um aprofundamento humano, mas também uma certa deformação subjetiva.



Tanto em uma biografia histórica, quanto em uma biografia de vocação literária, o ideal seria que ela pudesse funcionar como meio de conhecimento e interpretação sobre o indivíduo e, ao mesmo tempo, esclarecer sua natureza e a sociedade em que viveu.

Stefan Zweig, autor austríaco, conhecido no mundo todo pelas suas novelas e principalmente pelas suas biografias, soube combinar, em sua arte de contar a vida dos outros, o rigor documentário e a fantasia, com destaque para a sua interpretação psicológica dos seus personagens biografados. Ele continua sendo um dos autores estrangeiros mais lidos na França. A chave para o seu sucesso, retiro das palavras do próprio autor, que nos dá uma convincente explicação: se diz um escritor conciso e eficaz.


Paris, a cidade da eterna juventude como ele mesmo a intitula em sua autobiografia, foi para Zweig quando jovem, a conquista da verdadeira liberdade.

Em sua autobiografia, *O mundo de ontem*, Stefan Zweig afirma que ao estar em Paris em 1904, além de toda esta agitação cultural e mundana, ele buscava a Paris de Henri IV, Louis XIV, como também a Paris de Napoleão e da Revolução Francesa, a Paris de Balzac e de Zola. Todas as imagens de uma França representada em sua grande literatura já lhe era familiar, estando naquele momento apenas tornando-se viva no encontro do jovem escritor com a cidade luz.

Honoré de Balzac surge como admiração, um exemplo de produção literária a ser seguido. Foi em 1920 que o escritor austríaco escreveu seu primeiro ensaio sobre o gênio do realismo francês, Balzac. Na série *Três mestres*, que faz parte da obra *intitulada “ Os construtores do mundo”*, cujo objetivo é mostrar o mundo sendo realmente construído não por soldados, nem reis, nem imperadores, nem homens de ação, mas sim por artistas, no caso, escritores. Em um mesmo volume encontraremos Dostoiévski, Balzac e Dickens. Combatentes, lutam por suas ideias, seus sonhos. Ao invés de destruir, esses guerreiros oferecem sua obra para o planeta.

Sobre o mestre do realismo francês, Stefan Zweig escreverá cinquenta páginas, nas quais demonstra total devoção ao grande escritor francês. Neste primeiro ensaio sobre Balzac, Zweig compara o francês a Napoleão, traçando um paralelo entre os dois. De forma semelhante, ambos criaram um mundo com força e capacidade de criação além da normalidade.

Se por um lado Napoleão, político e guerreiro, deve às armas tudo o que ele conquistou, sonhou e conseguiu, ao refazer a Europa, deslocando as fronteiras; o artista



Balzac, também promoveu uma grande mudança no cenário literário, com tinta e pena. Entretanto, para Zweig, há uma pequena diferença entre o militar e o homem das letras: a realização de Balzac é eterna. As armas se calam, os livros jamais.

Humanista e pacifista, Stefan Zweig considera a arte missionária e educadora com o ideal de tornar os homens melhores.

Ao deixar a Áustria, Stefan Zweig queimou todos os seus escritos, salvando apenas o rascunho do seu tão querido Balzac. Em janeiro de 1939, quando ele o recupera, já no exílio em Londres, Zweig não deseja apenas construir uma biografia, mas uma obra em dois volumes, na qual o primeiro seria sobre a vida do escritor francês e o segundo sobre sua obra.


Mesmo abatido com todas as atrocidades do avanço dos nazistas na Europa, Zweig quer deixar para a posteridade três obras que ele considera importante: suas memórias, um romance e seu Balzac. Em uma carta a seu amigo Romain Rolland, do dia 27 de maio de 1939, ele explica que “todo este projeto levará mais ou menos uns dois anos, e que o tempo de fazer coisas pequenas já passou para ele. É preciso fazer algo que seja realmente definitivo.”

Durante o verão de 1939, em Bath, Stefan Zweig começa a trabalhar arduamente na sua autobiografia e na escrita de Balzac. Em fevereiro de 1940, ele passará alguns dias no chateau de Chantilly, onde seu proprietário guardava toda a correspondência da condessa Hanska, depois da sua morte em 1882.

Porém, a ofensiva alemã continua a avançar e, com a tomada de Paris, Zweig deixa a Inglaterra e passa a morar em Nova York, deixando para trás, seiscentas páginas escritas do seu primeiro manuscrito sobre Balzac e cerca de duas mil páginas de anotações sobre a vida e a obra do escritor francês.

Neste interim, acredita-se que seu manuscrito, deixado na Inglaterra, tenha sido confiscado pelos alemães. Zweig está cada vez mais assustado com o avanço de Hitler na Europa. Vivia com se uma sombra o acompanhasse, que paulatinamente envolvia cada vez mais em seus pensamentos.

Será em novembro de 1941, já instalado em Petrópolis, que Stefan Zweig completará sua autobiografia *O mundo de ontem* e receberá, enfim, a primeira parte do Balzac que ele havia deixado na Inglaterra. Mas ele não é mais o mesmo. Ele não possui mais forças para retomar o trabalho hercúleo de completar um dos seus últimos projetos



em vida. Em Petrópolis encontra dificuldades para pesquisar a obra de Balzac. Com apenas uma biblioteca na cidade, se vê impossibilitado de continuar este trabalho.


Então, no dia 28 de novembro daquele ano, no seu aniversário de sessenta anos, Lotte (sua segunda esposa) e Victor Wittkowski, jovem escritor brasileiro, dão à Zweig a obra completa de Balzac e o famoso Balzac de Taine de 1866. Todos que estão à sua volta têm apenas um objetivo: tentar trazer um pouco de luz no meio deste abismo negro que havia tomado conta de Zweig. Apesar de todos os esforços, infelizmente, nada conseguiu mudar o destino do grande escritor.

Desta forma, publicada postumamente, a biografia sobre Balzac, obra sobre a qual eu trabalho na minha tese de doutorado, é a primeira parte do projeto inicial de Stefan Zweig. De forma magistral, Zweig constrói sua narrativa sobre Balzac misturando trechos da obra e também da correspondência entre o escritor, seus familiares, seus amigos e suas amantes.

Zweig trabalha como um cirurgião, transformando o mito Balzac em um personagem. A arte de Stefan Zweig está na sua capacidade de preencher os espaços vazios da narrativa biográfica, transformando toda a história do biografado. Ele age nos pontos onde a imperfeição da vida real deixou suas marcas e através do seu toque ficcional, que só um grande artista seria capaz de fazer, transforma este novo ser e esta nova realidade em algo que se encontra no limite entre a realidade e ficção.

Habilidoso na arte de fazer o relato biográfico, o autor Stefan Zweig se utiliza de um narrador presente no momento de cada ação do personagem principal, como se estivesse ao lado do mesmo, observando o ocorrido, para que depois pudesse nos contar. Como, por exemplo, quando ele, em determinado momento, ao narrar o processo de criação do genial Balzac, o narrador-observador, de forma clara e direta, demonstra incerteza ao tentar dizer em qual fornecedor exato Balzac comprava seu café, visto que ele, o narrador, havia acompanhado o escritor algumas vezes nessas compras:

[...] Ce café se composait de trois espèces de grains : Bourbon, Martinique et moka. Il achetait le Bourbon rue du Mont-Blanc, le Martinique rue des Vieilles-Audriettes, chez un marchand qui sans doute n'a pas encore oublié cette glorieuse recette et le moka, dans le faubourg-Saint-Germain, rue de l'Université, mais je ne saurais plus dire chez quel marchand quoique j'aie accompagné bien des fois Balzac dans ses achats. C'était chaque fois une demi-journée de marche à travers Paris, mais un bon café valait cela pour lui. (ZWEIG. 1950, p. 177)



Esta conversa agradável, quase um bate papo, nos acompanha durante o livro todo. Em determinados momentos, o narrador falará diretamente com seus leitores, deixando bem claro ao leitor que aquilo que ele está nos contando é verdade, ele vivenciou e é através dele que você, no presente, é transportado para o passado. É a história através dos olhos do biógrafo, através da sua versão.


Datas, locais, pessoas são citadas dando a veracidade necessária para que o leitor não feche o livro, porém a arte de contar não está baseada simplesmente em uma enumeração de datas, fatos e personagens. As lacunas são preenchidas pela imaginação, evidenciando o fictício em um relato pretensamente verdadeiro.

Como em um jogo de espelhos, biógrafo e biografado possuem muitas características em comum. Se Balzac passou sua vida toda a correr dos credores, Zweig não encontrou seu lugar no mundo. Sempre se sentindo estranho diante das atrocidades cometidas pelos seus compatriotas, a vida de eterno exilado tornou-se realidade. Aos dois, pode-se dizer que os momentos mais críticos foram os mais férteis para a produção de grandes obras e, a partir das mãos de cada um, uma época foi eternizada.

Sobre o Brasil, tanto Balzac, quanto Stefan Zweig imaginavam uma vida nova neste país longínquo não corrompido pela civilização, país das possibilidades ilimitadas, aventuras perigosas e paixões selvagens.

Em determinado momento da sua vida, em uma de suas correspondências à condessa Hanska, Balzac financeiramente falido diz à sua amada que o Brasil é a sua única possibilidade de enriquecimento, pois, na França, com apenas a sua produção literária, não conseguirá sair desta situação calamitosa. Alguns dos seus personagens como: o marques de Aiglemont em *A mulher de trinta anos*, Rafael Valentin em *Pele de Onagro*, o conde Carlos Mignon em *Modesta Mignon* e Carlos Grandet em *Eugênia Grandet* também passaram pelo mesmo momento crítico e, claro, foi no Brasil que todos enriqueceram e puderam se recuperar.

Diferente dos seus personagens que se arriscaram e enriqueceram no Novo Mundo, Balzac abandona rapidamente o seu projeto mirabolante de mudar para o Brasil. Alguns meses depois, ele tranquiliza a condessa Hanska, informando-a que ele havia adiado a execução do seu projeto no tocante ao Brasil. Terminando a frase com a seguinte afirmação: “*A gente ama tanto a França!*”



Já na biografia de Balzac escrita por Stefan Zweig, o escritor francês após diversas tentativas para conseguir superar seus problemas financeiros, encontra-se desesperado e sem saída. Com 42 anos, pobre, endividado e rejeitado pela Academia Francesa de Letras, Balzac passa por um período difícil. É nesse momento que o narrador nos lança a seguinte pergunta: *Seria possível ainda, como os outros homens, ele (Balzac), descansar e viver tranquilamente sem se preocupar com nada?*

E logo em seguida o narrador nos diz que Balzac gostaria muito de deixar a França, a Europa e ir viver no Brasil. Segundo ele, lá no Brasil, tem um imperador chamado D. Pedro e que o soberano poderá lhe salvar, oferecendo ao escritor um teto. Com isso, Balzac passa a estudar através de livros um pouco mais o Brasil, país em que ele sonha morar.

Como na realidade, o plano de abandonar a França e viver no Brasil não é concretizado por Balzac. Realidade e ficção se encontram, a condessa Hanska acaba de ficar viúva e estava livre para se entregar à sua paixão pelo famoso escritor francês.

Stefan Zweig visita pela primeira vez ao Brasil, em 1936. Aqui, ele foi muito bem recebido; encantado com a natureza e a vida no Rio de Janeiro, com a convivência pacífica entre diferentes etnias, prometeu voltar!


Biógrafo e biografado, realidade e ficção, em mais um momento a história dos dois se cruza. Será no Brasil, em Petrópolis, na cidade de Pedro que Stefan Zweig encontrará o refúgio para viver tranquilamente, sem se preocupar com nada. Até quando?

Para François Dosse (2015), “escrever a vida é um horizonte inacessível, que, no entanto, sempre estimula o desejo de narrar e compreender”.

Em momentos de extrema tensão ou mesmo de crise, a situação narrativa reflete (ou não) a busca pelo autor/personagem da sua imagem perdida frente ao espelho, frente à vida?

A biografia não deve ser considerada como simples reflexo do real, mas como um vazio a ser preenchido. O tempo vivido, agora biografado, permite que os personagens se liberem dos limites impostos pelo real.

Zweig atua como elo entre o universo ficcional e o real, sendo suas contribuições, possíveis intervenções e distorções, são de extrema importância para a construção narrativa biográfica, pois será ele o responsável pelo trânsito entre estes dois universos. Neste espaço ele cria, neste espaço ele se projeta. Ao biógrafo, é dado o poder de



preenchimento das lacunas documentais, como também dos lapsos temporais presentes na unidade narrativa da vida de um personagem. Ao romancista, quando lhe faltam fontes para a construção da sua obra, é dado o recurso da fantasia.

Quanto ao biógrafo, segundo LEJEUNE (2014), na tentativa de manter-se o mais fiel possível da vida real do seu personagem, esse escritor está fadado a percorrer um caminho mais difícil. Um caminho que mantém, lado a lado, a ciência e as maravilhas da arte, a verdade sensível do romance e as mentiras eruditas da história.

Sendo assim, o gênero biográfico transita entre *mimesis* e vidas imaginárias, misturando erudição, criatividade literária e intuição psicológica. O envolvimento do biógrafo com o personagem biografado torna-se visceral.

É a partir do século XIX que dois polos surgem, um no qual os historiadores, ao descreverem e/ou explicarem o passado, deveriam fazê-lo de maneira racional e objetiva, e outro no qual os homens das letras reinventariam os fatos de acordo com a sua imaginação e subjetividade.

Desta forma, com a delimitação das fronteiras entre ciência e arte, com a cisão entre a biografia e a história, passa a biografia a ser prestigiada pela literatura.

Neste momento, todos os livros que tratassem do passado seriam questionados sobre a sua historicidade ou ficcionalidade. Aos que ousaram tentar cruzar esta fronteira imposta entre a ciência e a arte, foram considerados pouco sérios. Segundo SCHMIDT (2014), hoje, “contudo assistimos cada vez mais a uma série de redefinições e deslocamentos fronteirizos: o mais notável, sem dúvida é aquele que reaproxima história e literatura”.

Por sua vez, na literatura, com maior liberdade para deixar agir a imaginação, a exaltação do indivíduo ocorre de maneira mais categórica, na qual o mundo retratado é comandado por um conjunto infinito de possibilidades. A subjetividade dos personagens e a quebra da linearidade do tempo criam e recriam as trajetórias individuais destes indivíduos biografados.

Qualquer escolha mais rígida, na busca de uma verdade social ou psicológica no relato de vida, acarretaria no empobrecimento da narrativa, tirando dela toda a magia da literatura.

Balzac teve uma vida marcada por exageros sem limites. Paralelamente a uma produção monumental, ele arriscou-se em negócios como gráficas e revistas, chegando



até mesmo a comprar minas de prata na Sardenha. Todos os negócios, com possibilidade de enriquecer, foram um fracasso.

Escrevia para tentar pagar suas dívidas. Em uma jornada de trabalho, chegava a escrever por até 18 horas seguidas. Ritmo alucinante, nunca teve sossego financeiro, pois sua mania de grandeza o deixava cada vez mais endividado.

Será só no final da sua vida, com a maturidade pessoal e artística, que Balzac encontrará a mulher que mudará toda a sua história.

A condessa Hanska, nobre polonesa, fã apaixonada pela sua obra, será a pessoa que proporcionará ao escritor a tão sonhada riqueza e tranquilidade. *Enfin, une femme et une fortune!*

Tranquilidade efêmera. Na madrugada do dia 18 de agosto de 1850, ao lado apenas da sua mãe, figura contraditória na sua vida, Balzac dá o seu último suspiro.

Ignorado em vida por quase todos os colegas escritores, dentre eles, Victor Hugo, Alexandre Dumas, Sainte-Beuve, seu corpo foi conduzido pelos mesmos até o cemitério Père-Lachaise, local de onde seu ambicioso personagem Rastignac, promete conquistar Paris. Recomeço de vida para um, última morada para o outro. Vida e obra se confundem. Autor e personagem se encontram.

Em *Balzac – le roman de sa vie*, Stefan Zweig ao lançar mão da valorização do espaço entre a vida e a obra do seu biografado, na tentativa dialógica que mistura a factualidade e a ficcionalização do sujeito biografado, ele nos serve de guia para a valorização desse espaço entre a vida e a obra, em uma mescla tal que as duas dimensões acabam por se confundir e desta forma produzir um retrato capaz de traduzir a força titânica de Balzac e se assim podemos dizer, do próprio Stefan Zweig.

Referências bibliográficas

BALZAC, Honoré de. *A consciência artesanal in. Uma ideia moderna de literatura – textos seminiais para os estudos literários (1688-1922)*. Trad. de Sandra Regina Guimarães. Santa Catarina: Argos, 2011.

BOURDIEU, P. *A Ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CANDIDO, A. *Limites da biografia*. Revista Remate de Males - UNICAMP – ISSN: 0103-183X, Campinas, 1999. Acesso dia 18/04/2017 às 21h59.

_____. *Perenidade da biografia*. Revista Remate de Males - UNICAMP – ISSN: 0103-183X, Campinas, 1999. Acesso dia 18/04/2017 às 21h59.

DOSSE, F. *O desafio biográfico – Escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2015.

ISER, W. *O fictício e o Imaginário – Perspectiva de uma antropologia literária*. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico – de Rousseau à Internet*. Trad. de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

LIMA, L.C. *Trilogia do Controle: O controle do imaginário- Sociedade e discurso ficcional- O fingidor e o censor*. Rio de Janeiro. TopBooks, 2007.

RONAI, P. *Balzac e a Comédia Humana*. 4 ed. São Paulo: Globo, 2012.

_____. *A comédia Humana – estudos de costumes e cenas da vida privada*. V.4. 3 ed. São Paulo: Globo, 2012.

SCHMIDT, B.B. *Biografia e regimes de historicidade*. Revista Métis: história & cultura - v.2, n.3, p. 57-72, jan. / jun. Caxias do Sul, RS, 2003.

_____. *Biografia: um gênero de fronteira entre a História e a Literatura*. In: Narrar o passado, repensar a História / Margareth Rago ... [et. al.], orgs. 2 ed. Campinas, SP: UNICAMP/IFCH, 2014.

SOUZA, R. A. *Uma ideia moderna de literatura – textos seminais para os estudos literários (1688-1922)*. Chapecó, SC : Argos, 2011.

ZWEIG, S. *Balzac- Le roman de sa vie*. Paris : Editions Albin Michel.,1950.

_____. *Trois maîtres : Balzac, Dickens, Dostoïevski*. 1.ed. Paris, Atrium Press, E-Book. ISBN9782253175254,1976. Disponível em: <<http://www.livredepoche.com/>>. Acesso em 10 de junho de 2016.

_____. *Maria Antonieta – retrato de uma mulher comum*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. *Autobiografia: o mundo de ontem*. Rio de Janeiro. Zahar, 2014.